



UC/FPCE\_2012

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Avaliação das Forças Familiares Numa Amostra de Famílias do Sul de Angola**

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br)

Dissertação de Mestrado na área de especialização de Psicologia Clínica e da Saúde, sub-área de especialização em Sistémica, Saúde e Família sob a orientação da Professora Doutora Isabel Alberto

## **Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola**

### **Resumo**

O presente estudo pretendeu identificar as forças familiares particulares numa amostra da população do sul de Angola.

A amostra integrou 71 casais, num total de 141 indivíduos provenientes de famílias nucleares intactas. Analisaram-se as forças familiares através do Questionário de Forças Familiares (QFF). Tendo em conta os resultados obtidos, a escala apresenta uma boa consistência interna ( $\alpha=.95$ ). Examinou-se também a relação das forças familiares (QFF) com o funcionamento familiar através do SCORE-15, que também obteve valores de consistência interna bons ( $\alpha=.89$ ).

Com base no estudo realizado registaram-se alguns resultados interessantes: a) não há diferença estatisticamente significativa no funcionamento das forças familiares em função da etnia e do nível socioeconómico; b) há uma correlação positiva forte entre a percepção das forças familiares e do funcionamento familiar; c) tendo em conta as características do funcionamento familiar, há diferenças significativas em função do ciclo vital no SCORE-15, com as famílias com filhos na escola a terem uma melhor percepção do funcionamento familiar que as famílias com filho adolescentes.

Palavras chave: Resiliência, forças familiares, funcionamento familiar, ciclo vital

## **Assessing family strengths in a sample of families in southern Angola**

### **Abstract**

This study aims to identify family strengths in a particular sample of the population of southern Angola. The sample was composed by 71 couples, with a total of 141 individuals from nuclear intact families. The instruments applied are the Family Strengths Questionnaire (QFF). Given the results, the scale has good internal consistency ( $\alpha = .95$ ). It was also analyzed the relationship between the family strengths (QFF) and the family functioning evaluated by SCORE-15, which also had good internal consistency ( $\alpha = .89$ ).

Based in the study was possible to reach some results as:

- There is no statistically significant difference in the functioning of family strengths as a function of ethnicity and socioeconomic status.
- There is a powerful relationship between perception of family strengths and family functioning.
  
- Regarding the family functioning, there are significant differences with families with adolescents children perceiving a worse family functioning compared with families with children at school. .

Keywords: Resilience, family strengths, family functioning, life cycle

## **Agradecimentos**

É praticamente impossível um homem atingir o êxito e o sucesso sem a ajuda dos seus semelhantes mais próximos. A demonstrar este facto, está a presente obra que, constituí a concretização de um projeto forjado há alguns meses e que hoje aparece.

À Universidade de Coimbra especialmente a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, por me darem esta oportunidade.

A Professora Isabel Maria Marques Alberto, que de uma forma sábia, foi tolerante e conseguiu fazer com que este barco atracasse a um porto seguro.

Aos meus pais, irmãos, outros familiares e amigos que direta ou indiretamente deram o seu contributo, especialmente os meus colegas do local de estágio (Rangel, Teófilo e Tito) o meu muito obrigado.

A minha esposa e ao meu filho, pela paciência que tiveram de me aturar.

Obrigado

Índice	
Introdução	1
<b>I- Enquadramento Conceptual</b>	2
1.1. Resiliência Familiar	2
1.2. Ciclo Vital da Família	6
1.3. Funcionamento Familiar	7
<b>II –Objetivos</b>	9
2.1. Objetivo Geral	9
2.2. Objetivos Específicos	9
<b>III - Metodologia</b>	9
3.1. Caraterização da Amostra	10
<b>IV - Instrumentos</b>	10
4.1. Questionário socio-demográfico	11
4.2. Q.F.F	11
4.3. Score – 15	17
4.4. Procedimento de investigação	17
<b>V – Resultados</b>	18
5.1. Médias e Desvio Padrão da resiliência e funcionamento Em função do sexo – (t-student)	18
5.2. Relação entre os valores de resiliência e as caraterísticas do funcionamento familiar – (Anovas)	19
5.3. Variáveis preditoras do proceso de resiliência familiar	22
5.4. Relação entre a percepção das forças familiares (QFF) e do funcionamento familiar (SCORE-15)	22
<b>VI – Discussão</b>	23
<b>VII – Conclusões</b>	27
<b>Bibliografia</b>	28
<b>Anexos</b>	31

## **Introdução**

“Desde os tempos mais remotos a vida é tomada por esforços, os que melhor se esforçam se apoderam do bem-estar e da qualidade de vida”

(Meyer, 2005)

Com este trabalho pretende-se saber até que ponto as famílias conseguem superar as suas dificuldades ao longo do seu percurso e de que forma as suas forças familiares influenciam a sua organização e o seu funcionamento. Uma vez que o ciclo evolutivo das famílias está sujeito a crises acidentais (e.g. doença, desemprego, etc.) e crises normativas do sistema (nascimentos, mortes, etc.), importa saber quais os fatores que tornam a família mais forte e poderosa e que ajudam a superar a crise de forma a restabelecer as suas competências. Esta avaliação permite-nos conhecer as forças que a família apresenta diante da adversidade.

De acordo com Marinoff (2005, pp. 120-128) “se entendermos que a resiliência implica mudança, então, à partida as grandes questões que as pessoas procuram entender estão relacionadas com situações por elas vivenciadas e que envolvem mudanças”. Tais situações estão em transformação constante e, por isso, as famílias buscam constantemente maneiras de compreender e lidar com a mudança, de forma construtiva.

Para que uma pessoa ou família tenha a capacidade de vencer os desafios exigidos pela mudança é necessário que se procure um significado e um objetivo nessas mudanças que ocorrem nas suas vidas (Marinoff, 2005). Ou seja, a arte está em utilizar a mudança para descobrir o que não está a mudar e em utilizar o que está a mudar para aceitar essa mudança (Marinoff, 2005).

Verifica-se que alguns indivíduos, vivenciando situações stressantes não chegam a desenvolver crises psicóticas, evidenciando uma tendência menos esperada se atendermos que a crise pode ser apenas um mecanismo de chamada de atenção ao sistema para aquilo que está a funcionar Walsh, 2002; (2003, como citado em Feliciano, 2010). Por outro lado alguns indivíduos podem desenvolver crises psicóticas quando inseridos em famílias onde os funcionamentos são extremos e ao mesmo tempo opostos (Ausloos, 2003).

Assim, tenta-se perceber o que influencia o percurso dos indivíduos e famílias que permite que manifestem bem-estar e funcionamento adequado, mesmo tendo vivido situações difíceis. Surgem então, as pesquisas sobre resiliência e forças familiares. Froma Walsh (1996, como citado em Mendes, 2008) fala da resiliência familiar procurando estudar os processos familiares relacionados com a capacidade para lidar com a adversidade identificando três grandes dimensões: Crenças, Comunicação/Resolução de Problemas e Padrões Organizacionais.

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Este trabalho, baseado no trabalho de Walsh, tenta identificar as forças familiares numa amostra de famílias nucleares intactas do Sul de Angola.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1.1. Resiliência familiar**

A adversidade nas famílias angolanas é um dado estabelecido, considerando que são desafiadas sucessivamente (guerra prolongada, estarem deslocadas dos seus locais originais de vida, pobreza, etc), resistindo e vencendo as dificuldades da vida, que dia após dia vão surgindo.

A família é concebida como uma entidade desafiada e tenta-se compreender porque algumas delas, diante da crise são vulneráveis e se desorganizam, enquanto outras são resilientes e saem da situação de *stress* mais fortalecidas e com maiores recursos.

Estas famílias que saem da crise pelo poder da resiliência, normalmente percebem o que mudou e o que não mudou numa dada situação, organizando-se para recuperarem a estabilidade e o equilíbrio no interior do sistema e assim superarem a crise.

Estudos pioneiros sobre o *stress* familiar remontam à década de 1960, e concentravam-se na investigação da reação e ajuste familiar à crise, considerando que o *stress* em si não produz necessariamente uma crise. Esta só ocorre quando a família não encontra novas possibilidades e soluções para enfrentar as situações problemáticas do quotidiano.

Com base nas dificuldades de resolução de problemas surge, assim, o conceito de resiliência no âmbito da psicologia. É pesquisado a partir dos anos 70 e só agora têm surgido inúmeras definições menos elucidativas e precisas que têm fomentado grandes discussões (Yunes, 2003).

Rutter (1999, p. 119, como citado em Mendes, 2008) define a resiliência como “a capacidade para superar a adversidade ou o stress”. O conceito de resiliência foi, inicialmente, usado no estudo de casos individuais e, atualmente, vem sendo aplicado à família como sistema. A abordagem da resiliência é para Walsh (1996, como citada em Mendes, 2008) mais complexa que a mera focalização na reação e ajuste à crise, centrando-se na compreensão dos problemas dentro do contexto histórico, político, socioeconómico e cultural.

De acordo com Lutheretal (2000) e Masten e Obradovic, (2006, ambos citados por Gomes & Kotliarenco, 2010) tanto a nível familiar como individual o conceito de resiliência é concebido como uma força que se opõe à adversidade; não é possível falar de resiliência na ausência de condições de adversidade suficientemente intensa para gerar resultados numa pessoa ou grupo. A situação socioeconómica e política de Angola fez com que muitas famílias agissem, ajustando-se a crises consecutivas, enquanto outras não resistiam e acabavam por se desorganizar. Um dos

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

exemplos de resiliência familiar em Angola são as mulheres que passam o dia a vender “*zungueiras*<sup>1</sup>” nas ruas do Lubango e em quase toda a parte do país. Estas mulheres, para além da gestão da casa, numa estrutura familiar geralmente monoparental, assumem este trabalho como forma de assegurar a economia familiar, retratando, então, a ideia de Masten, (2001, como citado por Cecconelo, 2003) de que a resiliência é um construto inferencial e contextual que envolve duas dimensões: a presença dos processos de adaptação e de fatores de risco; ou seja, a resiliência é o fenómeno caracterizado por resultados positivos na presença de sérias ameaças à adaptação ou ao desenvolvimento da pessoa.

A abordagem sistémica da resiliência integra ainda a questão do percurso evolutivo, sendo importante o momento em que ocorre a crise e o impacto que a mesma tem sobre o desenvolvimento normal do indivíduo ou da família (ciclo de vida individual e familiar), já que os processos familiares podem variar com sucessivos desafios ao longo do tempo. Toda a crise é uma contrariedade na vida da família, exigindo conseqüentemente mudanças no funcionamento e na interação entre os membros que compõem o sistema familiar (Relvas, 1996).

Deste modo, os factores de *stress* não se restringem a um momento, mas completam uma trajetória que se estende desde o passado e se prolonga até ao futuro (Rutter, 1987; Walsh 1996, 2003, ambos citados em Mendes, 2008) exigindo das famílias um conjunto variado de estratégias que influenciam a adaptação imediata e a longo prazo dos seus elementos. Em segundo lugar, a sucessão e confluência de agentes *stressores* pode aumentar a vulnerabilidade da família e o risco para problemas subsequentes (Boss, 2000; Walsh, 2003, ambos citados em Mendes, 2008). Isto significa dizer que a quantidade e a frequência das crises influenciam os níveis de vulnerabilidade familiar. As ideias úteis e eficazes num dado momento podem ajudar a interpretar a crise que está a decorrer; segundo uma perspectiva favorável, ao fazer isso, não se está apenas a melhorar as expectativas atuais, mas também a proporcionar mais competências no futuro (Marinoff, 2005).

A ocorrência de sintomas num dos elementos da família pode estar de alguma forma relacionada com um acontecimento ocorrido na família. Por sua vez, as recordações do passado podem trazer dificuldades na resolução de problemas relacionados com os conteúdos dessas memórias e contaminar a visão do futuro sendo, por esse motivo, útil recorrer a instrumentos que avaliem possíveis dificuldades/problemas da história familiar como, por exemplo, construir uma linha temporal da família e/ou o Genograma (McGoldrick, Gerson, & Shellenberger, 1999; Walsh, 2003, ambos citados em Mendes, 2008).

---

<sup>1</sup> Zungueiras são mulheres que, logo pela manhã, transportam mercadoria à cabeça para vender nas ruas, levando consigo o bebé ao colo ou às costas.

Alguns autores, baseados em revisão de literatura, realizaram análises críticas referente à adequação dos modelos teóricos atuais para a compreensão da família contemporânea e sobre o uso inadequado do conceito de resiliência nas pesquisas e na prática de assistência à saúde. Para observar e interpretar mais adequadamente a família contemporânea Donati (1998, como citado por Brito, 2006) propôs um novo modelo que considera a família na sua relação social plena e integrada e voltada para o problema específico. A relação social plena inclui relações subjectivas entre os membros de um mesmo sistema (empática e comunicacional), próprias da convivência familiar, e relações estruturais que compreendem todas as dimensões humanas.

Yunes e Szymanski (2001) e Junqueira e Deslandes (2003, ambos citados por Brito, 2006) chamam a atenção de que vários estudos sobre o êxito, as competências e a resiliência estão influenciados por um fundamento ideológico forte que geralmente está associado às expectativas e conformidades sociais. Embora estes elementos ideológicos, por si só, não possam influenciar a mudança, podem ter um peso decisivo sobre a forma como respondemos à crise. As investigações sobre competência são, geralmente, realizadas apenas ao nível comportamental, através das condutas que se conseguem observar. Luthar e colaboradores (2000, como citado por Brito, 2006) encontraram níveis significativos de depressão e ansiedade em adolescentes considerados resilientes, estando a sua competência e resiliência face a *stress* apenas em conformidade com as expectativas sociais.

Martineu (1999, como citado por Brito, 2006) denominou de resiliência o “desempenho” na demonstração de comportamentos de acordo com os princípios que regulam as normas sociais, o sucesso académico e a empatia, com a intenção apenas de agradar ou enganar. Assim, a abordagem de resiliência através da análise do *stress* familiar e do processo evolutivo e contextualizado da família permite uma melhor compreensão das possíveis alternativas de respostas frente aos desafios familiares.

É importante salientar que resiliência familiar não é, por si só, a capacidade para superar a adversidade, mas também tem muito que ver com as crenças partilhadas pelos membros da família (Walsh, 2003, 2006, como citado em Mendes, 2008). Este conceito converge com o conceito de esquema familiar proposto por McCubbin e colaboradores (1997) derivado do factor C do Duplo Modelo ABCX – focado na definição do factor *stressor* e na realidade circundante da família que consiste nos valores, nas crenças, nas prioridades, nas expectativas e na visão do mundo que são comuns aos membros da família.

O trabalho de Reiss (1981, Reiss & Oliveri, 1980; Walsh 1996, como citados em Mendes, 2008) mostra a influência das crenças na resiliência familiar, particularmente na forma como a família responde a uma situação adversa, e de como o sistema de crenças pode sofrer modificações que se reflectem na adaptação imediata e a longo prazo. As crenças familiares

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

nem sempre ajudam a família a tornar-se resiliente, quando esta as usa de forma negativa ou quando estão ligadas a preconceitos e a tabus que não permitem a mudança do sistema, contrariamente a outras famílias que acreditam que tudo é possível, manifestando sempre um pensamento positivo que as leva a agir e a lutar pelo bem-estar. De acordo com Marinorff (2005) as famílias que não conseguem viver com as incertezas obrigatórias que resultam de uma vida dominada pela adversidade, voltam-se muitas vezes para aquilo que acreditam, procurando conforto.

As crenças constituem uma das forças que regulam a vida emocional, contribuindo fortemente para a resolução de problemas (Baptista, 2011).

Walsh (2003, como citado em Mendes, 2008) sublinha a importância das crenças transmitidas pela família, nomeadamente: a) o valor e o significado que o indivíduo dá às situações que com que se confronta; b) na forma positiva de encarar as situações; c) na espiritualidade e transcendência a que possa aceder.

Outro aspecto relacionado com a capacidade de superar a adversidade é o sentido de coerência que as famílias devem concretizar de forma a procurar diversas possibilidades de resolver os problemas (Antonovsky, 1987, Antonovsky & Sourani, 1988; Walsh 2003, ambos citados por Mendes, 2008). Quando a crise é percebida e se sente que há uma possibilidade de resolução do problema é necessário que o sistema se organize no sentido de tornar o problema o mais claro possível e de avaliar os recursos disponíveis, facilitando assim o *coping* familiar e a adaptação a uma situação.

Importa salientar que a coesão só existe em famílias em que a comunicação é fluida e clara e, para que haja esse tipo de comunicação, é importante que os membros da família consigam comunicar entre si, de se convencer que os conflitos internos ou externos das famílias, que podem criar mais organização ou desorganização familiar, são manifestações de conflitos internos dos próprios membros da família (Marinorff, 2005). Como refere Keenan (2000, p.59) “comunicar é um processo fundamental pelo qual somos informados e guiados para agirmos melhor. Fazê-lo bem conduz, não só à organização de pensamentos e apresentações facilmente perceptíveis, como também motiva a atenção dos outros”.

Segundo Blechman (1996, como citado por De-Antoni, 2000) quando a comunicação é estimulada na família faz com que os seus membros expressem as suas opiniões, permitindo o desenvolvimento, a auto estima, o melhoramento da qualidade de vida e de habilidades para lidar com os problemas.

O optimismo e a esperança referidos por McCubbinetal (1997, como citado por Mendes, 2008) são outros dos aspetos que contribuem para a resiliência, assim como a espiritualidade, que envolve interações com as outras pessoas, mas que pode atuar diretamente no processo de resiliência familiar (Dugan & Coles, 1989, Walsh 1996, ambos citados por Mendes, 2008).

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

O conceito de *pile-up* introduzido por Mederer e Hill (1983, como citado em McCubbin, 2001, ambos citados por Lopes, 2008), que traduz a forma de olhar para as complexas mudanças de papéis num curto espaço de tempo, foi retomado e redefinido por McCubbin e Patterson (1983, como citados por Lopes, 2008), como o conjunto de todas as crises do desenvolvimento normal do sistema (esperadas e não esperadas) e constrangimentos intrafamiliares, que implicam que, diante de um mesmo agente *stressor*, numa determinada época ou fase, a família pode reagir de forma diferente.

Este conceito oferece uma compreensão para as diferentes reações de uma família face ao mesmo *stressor* pois considera que uma família cujos recursos se encontrem esgotados, por lidar com outras mudanças de vida (esperadas ou não), pode não se sentir capaz de enfrentar e lidar com esse agente *stressore* que surgiu de novo. Isto é, as mudanças familiares são cumulativas e, num dado momento, a família não consegue ajustar-se às mudanças porque já atingiu o limite das suas forças, sendo esperadas consequências negativas para o sistema familiar e/ou para os seus membros (McCubbin et al., (2001, como citado por Lopes, 2008).

## 1.2. Ciclo Vital da família

Com base na escala de índice de reajuste social elaborada por Holmes e Rahe (1967, como citados por Carter & Mcgoldrick, 1995) é possível encontrar uma correlação entre a percepção negativa de um acontecimento e o grau de stress a ele associado; no estudo realizado por estes autores verificou-se que o período de ajuste à crise tinha muito que ver com a entrada e saída de um membro na família. Ao longo do ciclo vital, a família tem que lidar com as entradas, saídas e desenvolvimento dos seus membros num processo de alargamento, contração e realinhamento do sistema, surgindo mudanças de segunda ordem (Carter & Mcgoldrick, 1995; citadas por Simões, 2011).

O ciclo vital da família remete para a ideia de um percurso normativo e previsível de mudanças na organização do sistema familiar, em função da realização de tarefas bem definidas que marcam as diferentes etapas da evolução familiar (Relvas, 1996).

Olson et al (1983, como citado por Lopes, 2008) identificaram acontecimentos de vida que afetam as famílias nas várias etapas do ciclo vital: dificuldade em concluir tarefas, dificuldades emocionais, dificuldades de relacionamento sexual entre marido e mulher, condições económicas instáveis, aumento das despesas com empréstimos bancários, despesas médicas, problemas com o dinheiro para as despesas básicas do dia-a-dia, mudanças de trabalho, perda de emprego e, por fim, doença ou morte. Estes autores realçam que diferentes *stressores* são sentidos e têm impacto diferente consoante a etapa do ciclo vital em que a família se encontra.

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

A primeira etapa, segundo a proposta de (Relvas, 1996) ocorre com a formação do casal e a principal tarefa caracteriza-se por estabelecer uma relação conjugal que seja satisfatória para os dois parceiros e preparar-se para a parentalidade. Na segunda etapa, «Famílias com filhos pequenos», o casal tem de gerir um novo subsistema, o parental, com a prestação de cuidados a uma criança dependente, que precisa de condições para se desenvolver, mas sem esquecer o subsistema conjugal. Nesta etapa espera-se que o casal assuma a responsabilidade de “pais”; é necessário também que se renegociem os limites com as famílias de origem e com sistemas da comunidade, permitindo educar e possibilitar a socialização dos filhos.

Na etapa «Famílias com filhos em idade escolar» a família encontra novas responsabilidades consequentes da entrada do filho no contexto escolar e passa a relacionar-se com outras famílias com filhos da mesma idade. Na etapa posterior, «Famílias com filhos adolescentes», a tarefa essencial é facilitar o equilíbrio entre a liberdade e a responsabilidade dada aos filhos. O casal passa a poder desenvolver interesses próprios, para além da parentalidade. Entre as saídas de casa do primeiro e do último filho surge a etapa «Famílias com filhos adultos», onde é importante que os filhos saiam para o mundo exterior, assegurando assistência e suporte ajustados. O casal fica na fase do «ninho vazio», necessitando de reorganizar o relacionamento conjugal e de redefinir as relações com as gerações mais velhas e as mais novas (Relvas, 1996). Na fase de «envelhecimento» surge o ajustamento à reforma, ao processo de envelhecimento, aprender a lidar com a morte do cônjuge e com a sua própria morte. Os membros do casal fazem o balanço da sua vida, numa revisão do seu passado (Alarcão, 2000).

Relvas (1996) destaca o papel do subsistema conjugal ao longo da evolução familiar e da sua articulação com o exercício da parentalidade.

### **1.3. Funcionamento familiar**

Todo o sistema familiar está sujeito a dois tipos de tensão: a interna, que resulta das mudanças relativas ao desenvolvimento dos indivíduos que integram a família nos seus subsistemas (fraternal, conjugal, ...); e a externa, resultante das exigências de adaptação da família às instituições do contexto em que vive (Alarcão, 2000). Estas tensões provocam perturbação nos indivíduos e nas famílias como sistemas: “Os momentos de mudança correspondem às chamadas crises, que apesar de implicarem *stress*, não têm que ver com o carácter agradável ou desagradável, nem com a carga afectiva negativa acumulada de determinada situação ou etapa da vida familiar” (Relvas, 2000, p. 26). De acordo com Minuchin (1979, como citado por Lopes, 2008) a crise é simultaneamente ocasião de crescimento (quando a família se adapta encontrando um novo equilíbrio) e de risco (de impasse e/ou de disfuncionamento). Ou seja, a crise, mesmo implicando *stress*, é a oportunidade para crescer. A crise pode ser descrita ainda como

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

um momento que promove mudanças, podendo por vezes ser risco de patologia, isto acontece quando a família bloqueia a sua própria evolução Minuchin (1979, Relvas, 2005, como citados por Costa, 2009). McCubbin e Patterson (1983, como citado por Lopes, 2008) referem que são poucos os que vêm o *stress* de forma positiva, vindo por isso mostrar que a criatividade, a comunicação clara nas relações interpessoais, a motivação e o aumento de competências cognitivas, verbais e físicas resultam das experiências de *stress*.

A experiência de vida apresenta-se muitas vezes como a lei mais geral para resolução de problemas (Deleuze, 1998). De igual forma McKenrye Price (2005, como citados em Lopes, 2008) referem que o *stress* e a mudança familiar são o caminho para que as famílias sejam obrigadas a mudar de atitude, procurando sempre no desequilíbrio novas formas de se equilibrar, superando ou ajustando-se aos problemas.

Hill (1958, citado em McKenrye et al., 2005; Boss, 2002; McCubbin & Paterson, 1983a, 1983b, como citados por Lopes, 2008) desenvolveu um dos primeiros modelos para ajudar a compreender como as famílias lidam com o *stress* introduzido pelas mudanças - o Modelo ABC-X. Com este modelo Hill pretendia explicar porque é que algumas famílias conseguem adaptar-se às mudanças com facilidade e outras não. Hill designa por **A** o *stressor* capaz de provocar mudança na família que, interagindo com **B** (recursos e fraquezas da família), e com **C** (significado atribuído ao acontecimento pela família) produzem **X**, a crise que se caracteriza pela incapacidade da família em recuperar a estabilidade que existia antes do acontecimento. Pode haver *stress* sem haver crise quando a família usa aos recursos que já tem, evitando a mudança no sistema familiar (McCubbin & Paterson, 1983, como citados em Lopes, 2008).

De acordo com o modelo ABC-X Duplo (McCubbin & Patterson, 1983, como citados em Lopes, 2008), a adaptação familiar relaciona-se com a forma como a família muda as suas funções internas (comportamentos, regras, papéis, percepções) e/ou o contexto externo, para se ajustar. O esforço da família, ao longo do tempo, para ultrapassar a situação *stressante* define-se pelo conceito de resiliência familiar. Assim, McCubbin (1988, como citado em Lopes, 2008) define a resiliência familiar como integrando as características e os atributos das famílias que as ajudam a serem resistentes à ruptura face à mudança e adaptativas em situações de crise, realçando as qualidades adaptativas da família.

No modelo Duplo ABC-XMcCubbinetal. (1983, como citado por Lopes, 2008) incluíram: a) os recursos (pessoais, familiares e sociais) que a família já tem e que ajudam a diminuir o impacto do agente *stressor* inicial; b) a percepção do acontecimento inicial indutor de *stress* e a percepção do *stress* ou crise, o que inclui os significados que a família atribui a toda a situação; c) a resposta inicial da família perante a situação de *stress* ou crise e a adaptação

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Assim, a forma como a família identifica os seus recursos, as suas capacidades, e as ativa para ultrapassar situações de crise e resolver as dificuldades que as crises normativas ou imprevisíveis trazem, vai definir o funcionamento familiar. Se a família é capaz de identificar os recursos e capacidades de que dispõe e se os consegue aplicar de forma eficaz, então terá uma percepção positiva do funcionamento familiar. Se, pelo contrário, a família não reconhece recursos e competências para lidar com os desafios, não os aplica e não enfrenta o impasse, a percepção do funcionamento familiar será negativa.

## **II – Objetivos**

### **2.1. Objetivo Geral**

Com este estudo pretende-se:

- Identificar as Forças Familiares das famílias do Sul de Angola, através do Questionário das Forças Familiares (QFF)

### **2.2. Objetivos específicos**

- Avaliar a fidelidade do QFF e do SCORE-15 (funcionamento familiar) para uma amostra da população de Angola;
- Caracterizar as Forças familiares na amostra em estudo em função das variáveis: sexo, idade, etnia e etapa do ciclo vital;
- Perceber se há relação entre a percepção das Forças Familiares (QFF) e do Funcionamento Familiar (SCORE-15).

## **III – Metodologia**

O presente estudo está inserido num projecto de investigação mais vasto, levado a cabo pelos estudantes do Mestrado Integrado em Psicologia, que visa caracterizar o Ciclo evolutivo da família numa população do sul de Angola.

### **3.1. Amostra**

A amostra que constitui o estudo integra 71 casais da população geral, num total de 141 indivíduos, sendo 48,9 % do sexo masculino e 51,1 % do sexo feminino (ver Tabela 1). Para integrar a amostra, os casais tinham de ser necessariamente de nacionalidade angolana, integrar uma constituição familiar nuclear intacta, numa qualquer etapa do ciclo vital da família.

A média de idade dos sujeitos da amostra é de  $M = 40,10$  ( $DP = 11,53$ ) e varia dos 20 aos 79 anos. O nível socioeconómico foi estabelecido segundo critérios ponderados para esta investigação (ver anexo XVI) e a maioria dos sujeitos pertence ao nível médio (77,3 %) (ver tabela 1). Tendo em conta as etapas do Ciclo Vital de acordo com a proposta de Relvas (1996), 16 (12,2 %) casais estão na etapa “formação do casal”, 38 (29,0 %)

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

casais estão na “filhos pequenos ou em idade pré-escolar”, 28 (21,4 %) têm “filhos em idade escolar”, 25 (19,1 %) estão na etapa com “filhos adolescentes” e 24 (18,3 %) casais situam-se na etapa “famílias com filhos adultos”. Relativamente à etnia, temos como percentagem máxima 67,4 % oriundos da tribo Umbundo e a mínima da tribo Nganguela, com 5 %. A nível da religião predomina a religião católica, 44,7 % e a mínima de 1,4% para as igrejas Kimbanguista e Igreja Universal respetivamente ( Tabela 1).

**Tabela 1 - Caracterização da Amostra ( N = 141)**

Variáveis	Categoria		
		n	%
<b>Género</b>	Feminino	72	51,1
	Masculino	69	48,9
<b>Idade</b>	20 – 29	32	22,5
	30 – 39	31	21,9
	40 – 49	46	32,4
	50 – 59	27	19,0
	60 – 69	4	2,8
	70 – 79	1	0,7
<b>Etnia</b>	Nhaneca	16	11,3
	Umbundo	95	67,4
	Quimbundo	14	9,9
	Nganguela	7	5,0
	Cunhama	1	0,7
	Outras	8	5,7
<b>Religião</b>	Católica	63	44,7
	Evangélica	31	22,0
	Adventista 7dia	39	27,7
	Igreja Universal	2	1,4
	Kimbanguista	2	1,4
	Outra	4	2,8
<b>Nível Socioeconómico</b>	Baixo	5	3,5
	Médio	109	77,3
	Alto	27	19,1
<b>Etapa Ciclo Vital</b>	Formação Casal	16	12,2
	Família filhos pequenos	38	29,0
	Família filhos na escola	28	21,4
	Família filhos adolescentes	25	19,1
	Família filhos adultos	24	18,3
	Total	131	100,0
	Missings	10	
	Total	141	

#### IV – Instrumentos

Neste estudo usou-se um protocolo alargado que incluiu entrevistas, Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

análise SWOT e várias escalas de autorrelato, do qual foram trabalhados apenas três instrumentos para este trabalho: Questionário sociodemográfico, o Questionário das Forças familiares (QFF) e a escala de funcionamento familiar *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE-15).

#### 4.1. Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico tem como objectivo recolher informações consideradas essenciais neste estudo, contemplando a recolha de informação sobre os participantes relativa às seguintes variáveis: sexo, idade, nível de escolaridade, profissão, estado civil, alteração do estado civil, composição do agregado familiar, religião, etnia, número de filhos, área de residência, tipo de habitação, características da habitação, electrodomésticos e conforto e situação da principal fonte de suporte financeiro da família. No final do preenchimento por parte dos participantes, o investigador completava a informação relativa à etapa do ciclo vital e ao nível socioeconómico. Relativamente à fase do ciclo vital da família, seguimos a proposta de Relvas (1996). Deste modo, tendo como critério a idade do filho mais velho da família, as etapas utilizadas no decorrer do nosso estudo são as seguintes: formação do casal; famílias com filhos pequenos; famílias com filhos em idade escolar; famílias com filhos adolescentes; famílias com filhos adultos.

#### 4.2. Questionário das Forças familiares (QFF) - (Melo & Alarcão, 2007)

O Questionário de Forças Familiares (QFF) (Melo & Alarcão, 2007) foi construído com base na proposta de caracterização dos processos de resiliência familiar de Froma Walsh (2003, 2006; como citado por Mendes, 2008), tem 29 itens que descrevem características do funcionamento familiar a nível: a) do sistema de crenças familiares; b) dos processos organizacionais; c) da comunicação e resolução de problemas.

As respostas são dadas em função de uma escala de Likert de cinco pontos (1- Nada parecidas, 2- Pouco parecidas, 3- Mais ou menos parecidas, 4- Bastante parecidas, 5- Totalmente parecidas) correspondendo à percepção que o sujeito da amostra tem da sua família. Em relação à escala total, o resultado de consistência interna através do *alpha* de Cronbach foi de 0.932, o que é um resultado excelente, no estudo (Mendes, 2008). Nas subescalas *Crenças e Comunicação* ( $\alpha=0.89$ ), *Capacidade de Adaptação* ( $\alpha=0.80$ ) *Clima familiar positivo e Coesão* ( $\alpha=0.85$ ) e *Organização da Vida Familiar e Tomada de Decisão* ( $\alpha=0.80$ ) os valores de fidelidade são bons, de acordo com os valores propostos por George e Mallarey (2003, como citado por Mendes, 2008) as subescalas, *Individualidade* ( $\alpha=0.74$ ) e *Apoio Social* ( $\alpha=0.70$ ) apresentam valores de consistência interna aceitáveis (Mendes, 2008).

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

A escala não está validada para a população angolana; assim, com o intuito de contribuir para avaliar a fidelidade do QFF procedeu-se à análise da consistência interna com recurso ao *alpha de Cronbach*, uma das medidas mais usadas (Pestana & Gageiro, 2005). Na nossa amostra, o QFF obteve para a escala total um valor de  $\alpha=.954$ , o que segundo Pestana e Gageiro (2005) é considerado um bom valor de consistência interna. Analisando as estatísticas relativas aos itens, verifica-se que as correlações entre os itens e a escala total são superiores a  $r=.400$ . Segundo Garrett (1962, como citado em Simões, 1994) os valores da correlação iguais ou superiores a  $r=.02$  podem ser considerados bons indicadores (ver Tabela 2).

**Tabela 2. Estatísticas dos itens com a escala QFF total (N=141)**

	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Correlação Item- Escala Total</i>	<i>Alpha Cronbach se Item eliminado</i>
Forças1	3,65	1,256	,578	,953
Forças2	3,60	1,156	,748	,951
Forças3	3,70	1,115	,646	,952
Forças4	3,78	1,015	,633	,952
Forças5	3,42	1,218	,699	,952
Forças6	3,64	1,166	,598	,953
Forças7	3,62	1,031	,656	,952
Forças8	3,46	1,174	,493	,953
Forças9	3,66	1,078	,549	,953
Forças10	3,57	1,193	,678	,952
Forças11	3,76	1,021	,669	,952
Forças12	3,72	1,090	,595	,953
Forças13	3,48	1,030	,617	,952
Forças14	3,69	1,020	,652	,952
Forças15	3,46	1,111	,576	,953
Forças16	3,70	1,122	,686	,952
Forças17	3,44	1,276	,477	,954
Forças18	3,75	1,112	,638	,952
Forças19	3,50	1,076	,636	,952
Forças20	3,46	1,153	,543	,953
Forças21	3,46	1,118	,615	,952
Forças22	3,85	1,113	,579	,953
Forças23	3,54	1,111	,688	,952
Forças24	3,69	1,193	,763	,951
Forças25	3,83	1,120	,663	,952
Forças26	3,49	1,083	,654	,952
Forças27	3,28	1,173	,587	,953
Forças28	3,38	1,154	,684	,952
Forças29	3,53	1,314	,704	,952

Analisou-se também a consistência interna de cada uma das subescalas do QFF. Relativamente às subescalas *Crenças e Comunicação*

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

( $\alpha = .887$ ) e *Clima familiar positivo e Coesão* ( $\alpha = .814$ ) os valores de fidelidade são bons (ver Tabela ; na *Capacidade de Adaptação* ( $\alpha = .747$ ) e *Organização da Vida Familiar e Tomada de Decisão* ( $\alpha = .791$ ) os coeficientes são aceitáveis (ver tabela 6), enquanto na *Individualidade* ( $\alpha = .688$ ) e no *Apoio Social* ( $\alpha = .680$ ) os valores são questionáveis (ver tabelas 7 e 8) de acordo com Pestana e Gageiro (2005).

#### *Crenças e Comunicação*

Item 10. Na minha família mostramos abertamente o que sentimos uns pelos outros

Item 11. Na minha família sentimos que somos capazes de ser felizes apesar das dificuldades que vão ou podem aparecer

Item 15. Na minha família toda a gente é capaz de dizer o que pensa e sente, mesmo coisas negativas, sem magoar os outros.

Item 16. Na minha família quando aparece um problema importante, conversamos e resolvemo-lo em conjunto

**Tabela 3 - Crenças e Comunicação do QFF, médias, correlação com a subescala Total**

	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Correlação</i> <i>Item- Escala</i> <i>Total</i>	<i>Alpha</i> <i>Cronbach se</i> <i>Item</i> <i>eliminado</i>
Forças10	3,60	1,182	,603	,878
Forças11	3,76	1,013	,667	,872
Forças15	3,45	1,094	,607	,877
Forças16	3,73	1,099	,689	,870
Forças21	3,45	1,121	,542	,882
Forças24	3,70	1,195	,713	,868
Forças25	3,85	1,092	,644	,874
Forças26	3,46	1,081	,615	,876
Forças28	3,38	1,141	,671	,872

Item 21. Na minha família acreditamos que todos temos algo a cumprir, uma espécie de missão

Item 24. Na minha família acreditamos que os momentos de dificuldade nos podem ajudar a ser mais fortes

Item 25. Na minha família é importante que cada um tente ser feliz

Item 26. Na minha família conseguimos resolver um desacordo sem conflitos

Item 28. Na minha família conseguimos discutir pontos de vista diferentes sem ficarmos zangados uns com os outros

#### *Capacidade de Adaptação*

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Item 23. Na minha família conseguimos lidar bem com imprevistos e dificuldades

Item 20. Na minha família, quando há problemas com os quais não conseguimos lidar, aceitamos isso e seguimos em frente sem desanimar

Item 22. Na minha família há valores que se deseja que toda a gente aprenda

Item 18. Na minha família conseguimos gerir o dinheiro que temos de maneira a conseguir pagar as principais despesas.

**Tabela 4 – Capacidade de Adaptação do QFF, médias, correlação com a subescala Total**

	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Correlação Item- Escala Total</i>	<i>Alpha Cronbach se Item eliminado</i>
Forças18	3,79	1,097	,473	,725
Forças20	3,45	1,140	,497	,713
Forças22	3,86	1,102	,588	,662
Forças23	3,55	1,101	,609	,650

*Clima familiar positivo e Coesão*

Item 1. Na minha família somos otimistas e procuramos ver sempre o lado positivo das coisas.

Item 2. Na minha família acreditamos que em conjunto conseguimos sempre encontrar maneira de lidar com os problemas.

Item 3. Na minha família somos muito unidos.

Item 6. Na minha família sempre que alguém tem um problema toda agente se junta para ajudar.

Item 14. Na minha família há boa disposição e encontramos sempre momentos para rir.

**Tabela 5 – Clima familiar positivo e Coesão, médias, correlação com a subescala Total**

	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Correlação Item- Escala Total</i>	<i>Alpha Cronbach se Item eliminado</i>
Forças1	3,65	1,242	,629	,771
Forças2	3,58	1,126	,717	,743
Forças3	3,71	1,082	,666	,760
Forças6	3,63	1,134	,493	,811
Forças14	3,68	,996	,528	,799

*Organização da Vida Familiar e Tomada de Decisão*

Item 5. Na minha família tomamos decisões em conjunto.

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Item 9. Na minha família as tarefas de casa e da vida familiar são artilhadas.

Item 12. Na minha família existem regras claras que toda a gente conhece e sabe que tem que cumprir

Item 13. Na minha família fazemos coisas e actividades em conjunto

Item 29. Na minha família as decisões importantes, que afectam todos, são tomadas em conjunto.

**Tabela 6 – Organização da Vida Familiar e Tomada de Decisão do QFF, médias, correlação com a subescala Total**

	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Correlação Item- Escala Total</i>	<i>Alpha Cronbach se Item eliminado</i>
Forças5	3,41	1,192	,666	,718
Forças9	3,69	1,061	,481	,778
Forças12	3,75	1,070	,508	,770
Forças13	3,48	1,015	,580	,750
Forças29	3,53	1,284	,623	,734

#### *Individualidade*

Item 4. Na minha família toda a gente tem o direito de dar a sua opinião

Item 7. Na minha família toda a gente dá apoio àquilo que cada um quer fazer, aos projectos individuais e ao que é importante para si.

Item 8. Na minha família cada um tem o direito de ter a sua privacidade, o seu próprio espaço ou tempo

**Tabela 7 – Individualidade do QFF, médias, correlação com a subescala Total**

	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Correlação Item- Escala Total</i>	<i>Alpha Cronbach se Item eliminado</i>
Forças4	3,78	,986	,465	,642
Forças7	3,61	1,040	,564	,516
Forças8	3,44	1,197	,490	,622

#### *Apoio Social*

Item 17. Na minha família temos amigos, vizinhos ou pessoas conhecidas que nos ajudam quando precisamos

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

**Tabela 8 – Apoio Social do QFF, médias, correlação com a subescala Total**

	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Correlação Item- Escala Total</i>	<i>Alpha Cronbach se Item eliminado</i>
Forças17	3,43	1,297	,492	,594
Forças19	3,53	1,058	,464	,626
Forças27	3,31	1,179	,534	,532

Item 19. Na minha família sabemos a que sítios nos temos que dirigir para cada dificuldade que surge.

Item 27. A minha família consegue encontrar ajuda quando precisa nas pessoas que conhece

Os coeficientes de correlação de Pearson entre as seis subescalas do QFF e o resultado total variam entre um mínimo de .532 (subescalas 4 e 5) e um máximo de .949 (entre subescala 1 e QFF total) (ver tabela 3), o que vem confirmar uma boa consistência interna do QFF.

**Tabela 9- Correlações entre os fatores e o Total do QFF**

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6
Fator 1	-					
Fator 2	,765**					
Fator 3	,806**	,659**				
Fator 4	,788**	,693**	,783**			
Fator 5	,686**	,644**	,637**	,646**		
Fator 6	,690**	,651**	,532**	,586**	,634**	
QFFTotal	,949**	,848**	,877**	,884**	,792**	,765**

\*\*P < .01

#### **4.3. Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation (SCORE - 15) – (Stratton, Bland, Janes, &Lask, 2010)**

O *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE-15) é uma escala de autorrelato que pretende avaliar os resultados da intervenção terapêutica com a família (Cahill, O'Reilly, Carr, Dooley, &Stratton (2010, como citado por Pereira, 2011). Este instrumento centra-se nas relações, como por exemplo, em todos os sistemas e subsistemas internos ou externos em que a família está inserida (Portugal, Cunha, Sotero, Vilaça, Alarcão, & Relvas, 2010). O SCORE-15 avalia vários aspectos do funcionamento familiar sensíveis à mudança terapêutica (Stratton,

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

McGovern, Wethrell, & Farrington, (2006, como citado por Pereira, 2011), contendo itens que avaliam dimensões da família tais como os recursos e capacidade de adaptação da família, comunicação no sistema familiar e as dificuldades familiares.

Neste estudo foi utilizada a versão portuguesa do SCORE-15 (Relvas, Vilaça, Sotero, Cunha, & Portugal, 2001) composta por 15 itens, de acordo com uma escala de Likert de cinco pontos (1- Descreve-nos Muito bem, 2- Descreve-nos Bem, 3- Descreve-nos Em parte, 4- Descreve-nos Mal, 5- Descreve-nos Muito mal). A cotação dos itens 2, 4,5,7, 8, 9,11, 12, 13 e 14 foi invertida.

O instrumento demonstrou possuir boa consistência interna ( $\alpha=.89$ ) (Pereira, 2011).

**Tabela 10 - Estatísticas dos itens com o SCORE-15 total (N=141)**

	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Correlação Item- Escala Total</i>	<i>Alpha Cronbach se Item eliminado</i>
Score1	1,78	,771	,492	,806
Score2	2,74	1,009	,476	,805
Score3	2,18	1,073	,445	,807
Score4	2,46	,988	,465	,805
Score5	3,09	,933	,260	,818
Score6	2,34	1,099	,342	,814
Score7	2,46	1,215	,468	,805
Score8	2,54	,996	,294	,816
Score9	2,56	1,117	,571	,797
Score10	2,30	1,078	,559	,798
Score11	2,40	1,055	,464	,805
Score12	2,27	1,042	,454	,806
Score13	2,78	1,128	,384	,811
Score14	2,66	1,172	,401	,810
Score15	2,19	,973	,431	,808

Na nossa amostra, a consistência interna do SCORE-15 registou um valor de *alpha* de Cronbach de .818, um bom indicador de fidelidade (ver Tabela 4). Os valores registados nas correlações item-total são razoáveis, com o valor mínimo de  $r=.260$  no item 5.

## 5 - Procedimentos

Os protocolos foram apresentados aos participantes, sempre pela mesma ordem de administração, com uma carta introdutória que explicava as questões de confidencialidade e anonimato das respostas. Após consentimento informado e as dúvidas esclarecidas aos sujeitos, faziam-se as entrevistas em família ou casal e os questionários eram administrados individualmente nas sessões seguintes. O protocolo era verificado na presença dos respondentes e, no caso de existirem dúvidas do preenchimento, era pedido aos participantes que clarificassem. Concluía-se

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

agradecendo a sua colaboração. No nosso estudo só se analisaram as respostas às escalas já descritas, não havendo possibilidade de incluir a informação recolhida nas entrevistas, pela extensão da informação.

## V – Resultados

Os resultados serão organizados de acordo com os objetivos estabelecidos.

### 5.1. Caracterização das Forças familiares em função das variáveis: sexo, idade, etnia e etapa do ciclo vital

A caracterização das Forças familiares será feita considerando o resultado global e por subescalas do QFF. Os testes estatísticos usados serão de comparação de médias – t de Student para a VI Sexo, e Anova one-way para as VIs etnia, etapa do ciclo vital e nível socioeconómico. A opção pelos testes paramétricos resultou do tamanho da amostra (N=141), superior ao N=30, tamanho a partir do qual os testes paramétricos serão uma boa escolha por serem mais robustos (Maroco, 2003). No teste t-student analisaram-se os pressupostos da homogeneidade da variância (Teste de Levene>.05) (ver Anexo XV).

Relativamente à variável Independente *SEXO*, os resultados obtidos no teste t *de Student* não se registam diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das subescalas do QFF, nem no valor total do QFF e do Score-15, em função do sexo (ver Tabela 11).

**Tabela 11 – valores de t de student para as subescalas e totais do QFF e SCORE-15 em função do sexo**

	<i>Sexo</i>	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>EP</i>	<i>T</i>	<i>P</i>	<i>IC (.95)</i>
Crenças comunicações	Masc.	69	32,49	7,186	,865	,155	.877	(-,198;2,573)
	Fem.	72	32,31	7,138	,841			
Capacidade de adaptação	Masc.	69	14,90	3,286	,396	,838	.404	(-,636;1,572)
	Fem.	72	14,43	3,343	,394			
Clima familiar e coesão	Masc.	69	18,19	4,423	,533	-244	.832	(-1,560;1,243)
	Fem.	72	18,35	3,990	,470			
Organização vida familiar	Masc.	69	17,84	4,193	,505	-090	.929	(-1,434;1,310)
	Fem.	72	17,90	4,046	,477			

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Individualidade	Masc.	69	10,77	2,647	,319	-,282	.779	(-,969;727)
	Fem.	72	10,89	2,447	,288			
Apoio social	Masc.	69	10,49	2,682	,323	.944	.347	(-,479;1,353)
	Fem.	72	10,06	2,813	,332			
QFF Total	Masc.	69	104,68	21,68	2,610	.211	.833	(-6,268;7,769)
	Fem.	72	103,93	20,46	2,412			
SCORE-15	Masc.	69	36,38	8,268	,995	.074	.941	(-2,556;2,754)
	Fem.	72	36,28	7,677	,905			

Considerando a Anova one-way para as forças familiares, verificou-se que a Etnia, o nível socioeconómico e as etapas do Ciclo vital não parecem influenciar os resultados em nenhuma das subescalas nem o valor total do questionário das forças familiares (ver Tabela 12).

## 5.2. Relação entre os valores de resiliência e as características do funcionamento familiar.

**Tabela 12 – Valores de Anova Oneway para o QFF e SCORE-15 em função da etnia, nível socioeconómico e ciclo vital**

Etnia	df 1	df 2	F	Sig
Crença e comunicação	5	135	1.452	.210
Capacidade de adaptação	5	135	1.464	.206
Clima familiar e coesão	5	135	.865	.507
Organização de vida familiar	5	135	1.771	.123
Individualidade	5	135	1.073	.378
Apoio social	5	135	.627	.680
QFF Total	5	135	1.410	.225
SCORE-15	5	135	1.590	.167

  

Nível Socioeconómico	df 1	df 2	F	Sig
Crença e comunicação	5	138	1.825	.165

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Capacidade de adaptação	5	138	1.751	.177
Clima familiar e coesão	5	138	.941	.393
Organização de vida familiar	5	138	.473	.624
Individualidade	5	138	2.891	.059
Apoio social	5	138	2.756	.067
QFF Total	5	138	1.550	.216
SCORE -15	5	138	1.699	.187

Etapa do Ciclo Vital	df 1	df 2	F	Sig
Crença e comunicação	5	126	.579	.184
Capacidade de adaptação	5	126	.977	.422
Clima familiar e coesão	5	126	2.124	.082
Organização de vida familiar	5	126	.624	.646
Individualidade	5	126	1.286	.279
Apoio social	5	126	1.450	.221
QFF Total	5	126	1.510	.203
SCORE-15	5	126	<b>4.409</b>	<b>.002</b>

\* $p < .01$

Quanto ao funcionamento familiar, medido pelo SCORE-15 obteve diferenças significativas em função do Ciclo vital ( $F(5,126) = 4.409$ ,  $p = .002$ ). Desta forma conclui-se que o funcionamento familiar difere entre si em famílias com filhos na escola e famílias com filhos adolescentes.

As famílias com filhos na escola têm uma melhor percepção do funcionamento familiar do que famílias com filhos adolescentes.

**Tabela 13 - Teste de Bonferroni de Comparações Múltiplas para o SCORE-15 em função da Etapa do Ciclo Vital.**

Variável Dependente	(I) Etapa Vital	(J) Etapa Vital	Mean Differen	EP	Sig.	95% IC Lower	Upper
---------------------	-----------------	-----------------	---------------	----	------	--------------	-------

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

				<i>ce</i>				<i>Bound</i>	<i>Bound</i>	
				<i>(I-J)</i>						
SCORE-15	Formação casal	Família	filhos	1,503	2,294	1,000	-5,05	8,06		
		pequenos								
		Família	filhos	6,366	2,412	,094	-,53	13,26		
		escola								
			Família	filhos	-2,032	2,464	1,000	-9,07	5,01	
			adolescentes							
			Família	filhos	,313	2,484	1,000	-6,79	7,41	
			adultos							
		Família	filhos	Formação	de	-1,503	2,294	1,000	-8,06	5,05
		pequenos		Casal						
			Família	filhos	4,863	1,917	,124	-,61	10,34	
			escola							
			Família	filhos	-3,536	1,982	,768	-9,20	2,13	
			adolescentes							
			Família	filhos	-1,191	2,007	1,000	-6,92	4,54	
			adultos							
		<b>Família</b>	<b>filhos</b>	Formação	de	-6,366	2,412	,094	-13,26	53
		<b>escola</b>		casal						
			Família	filhos	-4,863	1,917	,124	-10,34	,61	
			pequenos							
		<b>Família</b>	<b>filhos</b>	<b>8,399(*)</b>	2,118	,001	-14,45	-2,35		
		<b>adolescentes</b>								
		Família	filhos	-6,054	2,141	,055	-12,17	,06		
		adultos								
	Família	filhos	Formação	de	2,032	2,464	1,000	-5,01	9,07	
	adolescentes		casal							
		Família	filhos	3,536	1,982	,768	-2,13	9,20		
		pequenos								
		Família	filhos	8,399(*)	2,118	,001	2,35	14,45		
		escola								
		Família	filhos	2,345	2,199	1,000	-3,94	8,63		
		adultos								
	Família	filhos	Formação	de	-,313	2,484	1,000	-7,41	6,79	
	adultos		casal							
		Família	filhos	1,191	2,007	1,000	-4,54	6,92		
		pequenos								
		Família	filhos	6,054	2,141	,055	-,06	12,17		
		escola								
		Família	filhos	-2,345	2,199	1,000	-8,63	3,94		
		adultos								

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Ao proceder o teste de *Bonferroni* e fazendo a comparação múltipla dos resultados, vimos que há diferença estatisticamente significativa entre famílias com filhos na escola e famílias com filhos adolescentes havendo uma melhor percepção do funcionamento familiar nas famílias com filhos na escola que nas famílias com filhos adolescentes (ver Tabela 13).

Para uma análise mais aprofundada da possível influência das variáveis independentes Nível socioeconómico, etapa do ciclo vital e Forças Familiares (valor total), sobre o funcionamento familiar, realizou-se uma regressão linear múltipla (ver Tabela 14).

### 5.3. Variáveis Predictoras do processo de resiliência familiar.

**Tabela 14 - Modelo de regressão linear para a VD Funcionamento Familiar, tendo como VIs Nível socioeconómico, etapa do ciclo vital e Forças Familiares**

	R Square	F.	Sig	B	Stand.Error	Beta	t	VIF
Modelo 1	,364							
Regressão		25.847	,000					
N.S.E				,020	1,308	,001	,988	1,079
Etapa C. vital				,224	,449	,036	,619	1,080
<b>QFF</b>		25.847	,000	<b>-233</b>	,027	<b>-613</b>	<b>-8,741</b>	1,004
<b>T total</b>								

Este modelo com estas 3 variáveis independentes (QFF, Etapas do Ciclo Vital e Nível Socioeconómico) explica 36% da variabilidade do Funcionamento Familiar. O total do QFF é a variável com maior valor preditivo, pois o Ciclo vital e o nível socioeconómico não têm valor preditivo do SCORE-15; o modelo é altamente significativo, pois o valor da ANOVA é ( $\beta = -233$ ;  $t(3) = -8,741$ ;  $p < .001$ ) os valores da VIF são baixos nas 3 variáveis independentes, o que indica que não há multicolinearidade entre elas e as 3 variáveis independentes são válidas no modelo.

### 5.4. Perceber se há relação entre a percepção das Forças Familiares (QFF) e do Funcionamento Familiar (SCORE-15).

**Tabela 15 - Correlações entre os fatores e o Total do QFF e o SCORE-15**

Considerando a relação entre a percepção das forças familiares e do funcionamento familiar regista-se uma correlação negativa entre o

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

SCORE\_15 e cada uma das subescalas e o total do QFF. À medida que aumenta o valor do SCORE-15, diminui o valor obtido em cada uma das subescalas e do total do QFF.

	Crença e Comunicação	Capacidade adaptação	Clima familiar positivo	Organização de vida familiar	Individua idade	Apoio social
SCORE total	-,563**	-,480**	-,551**	-,576**	-,432**	-,438**

\*\*p < .01

Considerando a relação entre a percepção das forças familiares e do funcionamento familiar regista-se uma correlação negativa entre o SCORE\_15 e cada uma das subescalas e o total do QFF. À medida que aumenta o valor do SCORE-15, diminui o valor obtido em cada uma das subescalas e do total do QFF. Como os itens do SCORE-15 que tinham cotação invertida foram cotados no sentido de quanto maior o valor, pior a percepção do funcionamento familiar, a correlação negativa entre o SCORE-15 e o QFF traduz que quanto maior a percepção das forças familiares, menor a percepção de um funcionamento familiar negativo.

## VI. Discussão.

O presente trabalho, sendo de carácter exploratório, pretende contribuir para avaliar as forças familiares através do QFF, para a população do sul de Angola, tendo como foco específico o impacto das variáveis sexo, idade, etnia e etapa do ciclo vital nos resultados do QFF. Nesta pesquisa pretendeu-se ainda avaliar a relação entre as forças familiares e o funcionamento familiar, medido pelo SCORE-15. As dificuldades vividas pelas famílias angolanas, que vão desde as necessidades básicas às desigualdades sociais, provocadas provavelmente pelos longos anos de guerra em Angola levaram-nos a desenvolver este trabalho.

Numa primeira fase, analisou-se a consistência interna das escalas usadas, QFF e SCORE-15, que registaram *alpha de Cronbach* que mostram que ambos os instrumentos têm boas qualidades ao nível da fidelidade. Todavia, algumas subescalas do QFF, designadamente *Individualidade e Apoio Social* obtiveram coeficientes de consistência interna fracos.

Analisando os valores encontrados no QFF em função do sexo, verificou-se que não há diferenças significativas para a escala total nem para nenhuma das subescalas. A ausência de diferenças em função do sexo também se registou para o funcionamento familiar, nas respostas ao SCORE-15. Tal situação pode ter acontecido pelo fato da sociedade angolana atribuir mais créditos aos homens em detrimento as mulheres,

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

com os distintos papéis, relativamente ao sexo, culturalmente socializados e determinados (Vieira, 2006, como citado por Feliciano, 2010). Neste sentido a perceção das necessidades individuais e coletivas são totalmente diferenciadas, uma vez que por influência cultural os homens tendem a ter empregos remuneráveis enquanto as mulheres se limitam nas lides domésticas, na maioria das vezes, sem questionarem o seu papel e estatuto. Outro dado importante, tendo em conta os resultados encontrados, reside no fato das mulheres angolanas serem muito submissas ao marido. Na maioria das vezes, diante de uma situação problemática, em que as mesmas teriam oportunidades de opinarem tendo em conta aquilo que pensam, não o fazem, dizendo apenas aquilo que os seus esposos gostariam de ouvir, não permitindo mudanças no funcionamento familiar.

Na análise da influência das variáveis Nível socioeconómico, Etapa do Ciclo vital e Etnia não se registaram diferenças significativas para nenhuma das subescalas do QFF nem do SCORE-15, com exceção da Etapa do ciclo vital para o SCORE-15. Isto pode ser explicado porque as famílias angolanas, na sua maioria, não falam com facilidade sobre os seus problemas, ou melhor, não gostam de admitir que os têm; se encontrarmos alguém no hospital e perguntarmos “como está?” a maioria das vezes responderá que “está tudo bem”.

Por outro lado, não podemos deixar de referenciar que a maioria das famílias angolanas têm a tendência de se “libertar” dos filhos muito cedo, tendo em conta as experiências culturais e sociais vivenciadas por elas, como por exemplo o “*efico*”: é um ritual em que as filhas são submetidas a uma festa que lhes vai possibilitar a transição para a vida adulta. A partir do momento em que acontece esta festa, a menina pode ser escolhida para se tornar esposa de alguém, mesmo que ainda esteja na puberdade. A **individualidade** nestas famílias surge para evidenciar maior necessidade e respeito pelos indivíduos desenvolvendo assim a diferenciação do *self*. A explicação subjacente ao resultado obtido poderá residir na experiência acumulada pela generalidade das famílias e a conseqüente maior confiança nas suas capacidades para lidarem com a adversidade. No que se refere ao resultado que aponta para valores de individualidade, tal poderá evidenciar o fato das famílias do Sul de Angola respeitarem as aspirações e as relações pessoais de cada um, sentindo-se menos comprometidos na vida de casal/familiar (Singly, 1987, como citado em Silva & Relvas, 2002).

No que diz respeito à **organização de vida familiar e tomada de decisão** não se encontraram diferenças estatisticamente significativas em função de nenhuma VI. Ter uma vida familiar organizada, regrada e tarefas distribuídas pelos seus membros, para além das decisões relativas a assuntos importantes serem tomadas em conjunto, pode explicar estes resultados, uma vez que este processo conjunto de tomada de decisão só faz sentido se a família tiver uma certa organização. Os problemas que as famílias têm e as suas soluções são vistas em função dos múltiplos recursos

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

que as influenciam tornando-as resilientes (Walsh, 2002, como citado por Feliciano, 2010). A título de exemplo as cerimónias de óbito realizadas pela população angolana têm um carácter particular, visto que para se realizar o funeral é necessário uma reunião familiar que é dirigida normalmente pelo tio mais velho da família. Esta reunião acontece para se fazer a distribuição de tarefas onde todos os membros da família participam. Depois do enterro há um almoço em casa dos enlutados, isto vai de uma semana a um mês dependendo da região do país. Após este tempo, há um ritual importante designado de “*ecomba*”: é uma festa que se faz, onde as famílias se reúnem no sentido de encerrar o “funeral”. No caso de haver filhos pequenos órfãos, estes ficam ao cuidado da família alargada. A coerência existe em famílias em que a comunicação é fluida e clara e, para que haja este tipo de comunicação, é importante que os membros da família consigam comunicar entre si, permitindo a organização das mesmas (Marinorff, 2005).

Uma vez que a organização das famílias angolanas permitem a resolução de problemas, vimos que relativamente ao *clima familiar positivo e coesão* as famílias angolanas tendem a primar por uma perceção de bem estar e coesão entre os seus membros. Um dos processos para que as famílias tenham um clima positivo e coeso é o sistema de crenças. A população angolana, a nível de crenças, apresenta algumas situações relevantes que podem facilitar a resiliência familiar. Um dado importante relativamente às crenças é o exemplo do nascimento de um bebé: as famílias são preconceituosas no que tange as doenças próprias do desenvolvimento normal da criança e, normalmente, os familiares colocam uma pulseira ou uma almofadinha «*haka*» nos bebés no sentido de os proteger do mau-olhado. A partilha de crenças por parte da família permite a resolução de problemas tendo em conta o significado e os valores culturais positivos que as mesmas dão às adversidades (Walsh, 2002, como citado por Feliciano, 2010).

Não obstante os valores obtidos nas subescalas (crenças e comunicação; capacidade de adaptação e apoio social) importa salientar o seguinte:

Os valores encontrados no fator *crenças e comunicação* não se encontram totalmente de acordo com as nossas espetativas, uma vez que a família angolana dá grande crédito na questão das crenças familiares. A título de exemplo o casamento na população angolana, de um grupo étnico para outro, não é feito e aceito de uma forma fácil, têm em conta geralmente as diversas tradições que variam de região para região. Antes do casamento tácito há um ritual que a maioria das famílias angolanas deve cumprir que é “*alembamento*”, que é um pré casamento tendo em conta a tradição. O trabalho de Reiss (1981, Reiss & Oliveri, 1980; Walsh 1996, como citados em Mendes, 2008) mostra a influência das crenças na resiliência familiar, particularmente na forma como a família responde a uma situação adversa, e de como o sistema de crenças pode

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

sofrer modificações que se reflectem na adaptação imediata e a longo prazo.

Quanto **ao apoio social**, seria bom que este funcionasse no sentido de potencializar as famílias tendo em conta os recursos que têm e ajudando-as no que concerne ao fator de proteção, com base nas condições sociais que Angola apresenta. É fundamental identificar recursos em termos de relações sociais dentro e fora da família, incluindo os serviços sociais, no sentido de potenciá-los (Walsh, 1996, como citado por Feliciano, 2010).

Não obstante os resultados, relativamente a **capacidade de adaptação** as famílias angolanas têm-nas e manifestam claramente esta capacidade. Um dos exemplos de capacidade de adaptação em famílias angolanas, são as mulheres que passam o dia a vender “*zungueiras*” já referido no enquadramento, retratando a ideia de Masten, (2001, como citado em Cecconelo, 2003) de que a resiliência envolve duas dimensões: os fatores de adaptação/proteção e os fatores de risco

Considerando os valores de correlação, o funcionamento familiar é percebido como mais saudável à medida que a família entende que tem mais recursos para superar as suas dificuldades em conjunto, possivelmente porque quando surge uma situação de crise, a família considera como uma possibilidade de resolução do problema a necessidade do sistema se organizar no sentido de tornar o problema o mais transparente possível e de avaliar os recursos disponíveis, facilitando assim o *coping* familiar e a adaptação a uma situação (Antonovsky & Sourani, 1988; Walsh 2003, ambos citados em Mendes, 2008).

Tendo em conta as características do funcionamento familiar é importante dizer que as variáveis etnia e nível socioeconómico não parecem ter um papel de relevo, enquanto as etapas do Ciclo vital já mostram ter influência na percepção do funcionamento familiar, identificando-se que as famílias com filhos na escola têm nitidamente uma melhor percepção do funcionamento familiar que as famílias com filhos adolescentes. Na família com filhos adolescentes, em que o adolescente procura formas de construir a sua personalidade, onde busca ao mesmo tempo a sua identidade e afirmação e a gestão e compromisso com o seu contexto familiar, pode levar a uma imagem menos positiva do funcionamento familiar do que a que tinham na etapa anterior. A adolescência, marcada por uma progressiva autonomia e abertura ao exterior (nomeadamente aos pares), pode explicar os valores mais negativos na percepção do funcionamento familiar (Mendes, 2008; Relvas, 1996). Quando os filhos entram na adolescência criam algum desequilíbrio no seio das famílias. Este normalmente é resolvido se os pais conseguem superar as diferenças entre si, estabelecendo assim um subsistema parental unido. A atitude de autonomização e marcação da diferença dos adolescentes não serve apenas para o início e desenvolvimento da sua independência, mas também para testar a natureza e a força dos seus vínculos com os pais (Carter & Mcgoldrick, 1995). Nesta fase são

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

esperados ajustes quer na parentalidade quer na dinâmica do relacionamento familiar.

Quanto as variáveis nível socioeconómico e etnia, apesar dos resultados encontrados, acreditamos que desempenham um papel fundamental em termos de funcionamento familiar tendo em conta os recursos disponíveis e o significado que as famílias angolanas atribuem aos problemas. Assim, a forma como a família identifica os seus recursos e os contextualiza, permite ultrapassar situações de crise e resolver as dificuldades que as mesmas trazem, definindo muitas das vezes o funcionamento familiar.

Como podemos verificar na amostra da população, tendo em conta as variáveis (QFF, Etapas do Ciclo Vital e Nível Socioeconómico) são as forças familiares que surgem como variável com maior valor preditivo do funcionamento familiar, pois por um lado podem providenciar experiências que permitem mais recursos para lidar com a adversidade e conseqüentemente maior confiança na capacidade de resolução de problemas. Assim, é importante a família estar atenta aos seus recursos e competências, pois esta consciência pode ser uma mais valia para o seu funcionamento do dia a dia.

## **VII - Conclusões**

O funcionamento familiar joga um papel fundamental, na busca de forças para a resolução de problemas. É em função dessa organização que muitas famílias conseguem se tornar resilientes, aceitando e superando as mudanças esperadas ou não vivenciadas por elas.

Em Angola, as famílias têm vivido situações de crise normativa mas também de crises acidentais repetidas, que as colocam à prova a nível dos seus recursos, competências e funcionamento. Assim, dada a ausência de estudos na área da família em Angola, esta investigação pretendeu analisar as forças familiares e o funcionamento familiar em função das variáveis independentes Sexo, Nível socioeconómico, Etnia e Ciclo Vital da família. Tendo em conta o estudo realizado, a revisão da literatura e a nossa discussão de resultados passamos a destacar algumas informações mais relevantes:

- A preocupação com a identificação das forças familiares em famílias da região sul de Angola mostra a necessidade de investigação que dê informação aos profissionais sobre as formas de resolução de problemas, tendo em conta os fatores de proteção e de perturbação do desenvolvimento familiar;

- Para atingir os objetivos propostos aplicou-se o Questionário de Forças Familiares (QFF) e o SCORE-15 que revelaram valores de consistência interna de boa qualidade que indicam a possibilidade de serem aplicados na população do Sul de Angola;

- Analisando o papel das variáveis sexo, idade, etnia e ciclo vital,

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

verificou-se que apenas o ciclo vital tinha influência no Funcionamento Familiar. O nosso estudo revelou que as famílias com filhos na escola tinham uma percepção bastante mais positiva do funcionamento familiar que as famílias com filhos adolescentes, possivelmente devido às mudanças que o desenvolvimento normativo das próprias etapas exige;

- Verificou-se também que quanto melhor for a percepção das forças familiares melhor é a percepção do funcionamento familiar, resultado revelado nos coeficientes de correlação e de regressão múltipla em que as forças familiares são preditoras do funcionamento familiar.

Refletindo sobre algumas dificuldades nesta investigação verificou-se que a população angolana não parece muito disponível para colaborações para atividades meramente científicas, por causa do trabalho que dá sem alguma recompensa, o que tornou a recolha de dados muito cansativa. Quando há falta de interesse em participar no estudo as respostas não são dadas tendo em conta o cuidado e a responsabilidade que a investigação merece. Consideramos que o nível académico constitui uma das limitações do nosso estudo uma vez que o mesmo foi realizado numa zona urbana, onde o nível de formação e informação é maior, comparativamente com a zona rural, não nos permitindo concluir se existe alguma relação entre as forças familiares e o nível académico como forma de resolução de problemas.

No futuro seria pertinente obter dados normativos em Angola para populações específicas, nomeadamente populações clínicas, extrema pobreza e em famílias monoparentais ou em famílias de constituição poligâmica, que ocupam uma grande franja na sociedade angolana. Seria interessante estudar em amostras maiores o papel da variável sexo e da qualidade de vida na percepção da resiliência familiar.

No sentido de enriquecer o nosso trabalho, em próximos estudos, seria interessante avaliar outras variáveis do questionário sociodemográfico que não foram desenvolvidas no nosso trabalho, a fim de relacioná-las com as forças familiares.

Para a prática no contexto comunitário, este estudo permite ajudar as famílias a desenvolver estratégias no sentido de incrementar os seus recursos, tornando-as mais resilientes. Tendo por base algumas teorias, esta investigação permite ativar uma discussão conjunta multidisciplinar acerca da resolução de problemas e estimular a realização de atividades em famílias, bem como a partilha de informações e propostas de intervenção entre profissionais.

### **Bibliografia**

Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*.

Coimbra: Quarteto.

Ausloos, G. (2003). *A Competência das Famílias*. (2ª ed). Lisboa:

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Climepsi.

- Baptista, A. (2011). *O Poder das Emoções*. Lisboa: Lidel
- Brito, H.S. (2006). Estresse Resiliência e Vulnerabilidades Comparando Famílias com Filhos Adolescentes na Escola. *Crescimento Desenvolvimento*. Hum; 16(2), 25-37.
- Carter, B., & Mcgoldrick, M. (1995). *As Mudanças do Ciclo de Vida Familiar*. (2ª ed). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cecconelo, A.M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em Famílias em Situação de Risco*. (Tese de Mestrado não Publicada). Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia. Coimbra.
- Costa, V.F.A. (2009). *Percepção de Stress e Coping Familiar por Pais de Crianças e Jovens com doença crónica* (Tese de Mestrado não Publicada) Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia. Coimbra.
- De-Antoni, C. (2000). *Vulnerabilidades e Resiliência Familiar na Visão de Adolescentes Maltratados*. (Tese de Mestrado Não Publicada) Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Psicologia.
- Deleuze, G. (1998). *Foucault*. (2ª ed). Lisboa: Coleção Perfis.
- Feliciano, C. I. M. (2010). *Influência do Género na Percepção da Qualidade de Vida e Resiliência Familiares* (Tese de Mestrado não Publicada) Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia.
- Gomez, E., & Kotliarenco, M. A. (2010). Resiliência Familiar: Un Enfoque de Investigación e Intervención com Familias Multiproblemáticas. *Revista de Psicología de la Universidad de Chile*, 19 (2), 104-130.
- Gonçalves, M. (2008). *Terapia Centrada nas Soluções*. Lisboa: Psiquilíbrios.
- Keenan, K. (2000). *Dicas Úteis Para Comunicar*. (2ª edição). Lisboa: Textos Editora, Lda.
- Lopes, M. F. (2008). *Luto Parental Qualidade de Vida, Stress e Coping Face a Crise* (Tese de Mestrado não Publicada) Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia.
- Lopes, R. H . R. (2008). *Estudo de Validade do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) numa amostra da população geral portuguesa* (Tese de Mestrado não Publicada) Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia.
- Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola
- Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

- Marinoff, L.(2005). *As Grandes Questões da Vida*. (1ª ed). Lisboa: Editorial Presença.
- Maroco, J. (2003), *Análise Estatística - Com Utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Meyer, J. (2005). *Conversa Franca Sobre Desânimo*. (1ª ed). Belo Horizonte: DelRey.
- Mendes, P. G. (2008). *Resiliência Familiar Estudo Exploratório em Famílias de Risco* (Tese de Mestrado não Publicada) Universidade Coimbra Faculdade de Psicologia.
- Mendonça, W. J. P. (1981). *Conhecimento e Acção uma Leitura de Popper*. (1ª ed). Rio de Janeiro: Loyola.
- Pereira, F. A. F. (2011). *Estudo da Validação da Versão portuguesa do SCORE-28 e 15 numa amostra não clínica* (Tese de Mestrado não Publicada) Universidade de Coimbra Faculdade de Coimbra.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS*. (4ª ed). Lisboa: Edições Sílabo.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de Família*. Editora Quarteto. Coimbra.
- Simões, T. A. (2011). *Ciclo Vital da Família Reflexões em Torno das Especificidades Étnicas e Culturais do Desenvolvimento Familiar*. Coimbra. Programa de Doutoramento Inter-Universitário.
- Yunes, M. A. (2003). Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em estudo*. Maringa, 8, 75-84.

# Anexos

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

## ANEXO I



## INFORMAÇÃO AOS PARTICIPANTES

**Nome da investigação:** O Ciclo Vital da(s) família(s) do Sul de Angola. Esta investigação tem como **objectivo:** Identificar a organização da família nuclear do sul de Angola ao longo do seu percurso

A colaboração de todos os participantes é **VOLUNTÁRIA**, e será absolutamente garantido o **ANONIMATO** e a **CONFIDENCIALIDADE** dos resultados.

## NÃO HÁ RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS

A equipa deste projecto está imensamente grata pela sua disponibilidade e colaboração. O seu contributo é extremamente importante.

## CONSENTIMENTO

Eu,

\_\_\_\_\_

declaro ter sido informado sobre esta investigação, bem como das garantias de anonimato e confidencialidade. Assim, aceito responder ao protocolo que me foi apresentado.

Lubango, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, de 201\_\_

\_\_\_\_\_

(Assinatura)

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

## ANEXO II

**AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_,  
declaro ter sido informado sobre a presente investigação, bem como das  
garantias de anonimato e confidencialidade. Assim, autorizo o(s) meu(s)  
filho(s) a responder(em) ao protocolo que foi apresentado.

Lubango, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, de 201\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

## ANEXO III

## MI PSICOLOGIA

## FPCE-UC/UPRA

2011/2012

## Questionário demográfico

Código: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local de recolha dos dados: \_\_\_\_\_

## Dados de Identificação do próprio

Sexo: FEM \_\_\_\_ MASC \_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ Anos

Nível de escolaridade (se for adulto, escrever o último ano concluído)  
 \_\_\_\_\_(se for criança/adolescente, escrever o ano que está a frequentar  
 actualmente) \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_(Escrever a profissão exacta referida pelo sujeito)

## Estado Civil:

Solteiro (a) \_\_\_\_\_

Casado(a) \_\_\_\_\_ Recasado: Sim \_\_\_\_/Não \_\_\_\_

União de facto \_\_\_\_\_

Separado (a) \_\_\_\_\_

Divorciado (a) \_\_\_\_\_

Viúvo(a) \_\_\_\_\_

## Etnia:

Nhaneca \_\_\_\_\_

Umbundo \_\_\_\_\_

Quimbundo \_\_\_\_\_

Nganguela \_\_\_\_\_

Cuanhama \_\_\_\_\_

Outras: \_\_\_\_\_

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul  
 de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

**Religião:**

Católica\_\_\_\_\_

Evangélica\_\_\_\_\_

Adventista do 7º Dia\_\_\_\_\_

Tokuista\_\_\_\_\_

Igreja Universal do Reino de Deus\_\_\_\_\_

Kimbanquista\_\_\_\_\_

Testemunhas de Jeová\_\_\_\_\_

Outra:\_\_\_\_\_

**Dados de Identificação do Agregado Familiar**  
**Composição agregado familiar**

Parentesco*	Idade	Sexo Fem/Masc	Estado Civil	Profissão**	Nível escolaridade

\* pai, mãe, filho(a), marido, mulher, irmã(o) da pessoa que está a completar o questionário

\*\* Incluir nesta secção: Estudante; Desempregado; Doméstica; Reformado (dizer que trabalho tinha antes da reforma e ano da reforma)

**Outras pessoas que habitam com o agregado familiar**

Quem (Grau de Parentesco)*	Idade	Profissão	Estado civil	Motivo permanência

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

\* Por exemplo, avó(ô), tio (a), primo(a), padrinho, outros familiares, etc.

**Area de residência:**

Centro de cidade \_\_\_\_Arredores da cidade/Bairro\_\_\_\_

Aldeia/Quimbo\_\_\_\_

Comuna/Sede\_\_\_\_

Outro.Qual\_\_\_\_\_

**Tipo de habitação**

Apartamento\_\_\_\_

Vivenda \_\_\_\_

Pau-a-Pique/cubata\_\_\_\_

Casa de adobe\_\_\_\_

Outro.Qual\_\_\_\_\_

Características da habitação

Divisões	Número	Observações *
Quarto		
Sala		
Casa de banho		
Cozinha		
Outros		
_____		
_____		
_____		

\* Exemplo: 2 filhos partilham quarto; filhos dormem na sala; toda a família dorme na sala

**Eletrrodomésticos e Conforto** (assinalar com uma cruz o que houver)

		Observações*
Água canalizada		
Gás		
Eletricidade		
Esgotos		
Frigorífico		
Fogão		
Televisão		
Rádio		
Computador		

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Acesso a Internet		
Automóvel		
Motorizada		
Bicicleta		

\*Exemplo: Eletricidade por Gerador

**Principal Fonte de Rendimento da Família**

Riqueza herdada ou adquirida -----

Lucros de empresas, investimentos, ordenados bem remunerados -----

Vencimento mensal fixo-----

Remuneração por semana, dia, ou por tarefa -----

Apoio social público (do estado) ou privado (de instituições solidariedade)-

**Nível**

**Socioeconómico:**

**Etapa do ciclo vital:**

Obs. espço a ser preenchido pelo pesquisador

## ANEXO VI

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Correct ed Item-Total Correlation	Cronba ch's Alpha if Item Deleted
Forças1	100,45	438,853	,578	,953
Forças2	100,50	433,522	,748	,951
Forças3	100,40	439,417	,646	,952
Forças4	100,32	442,808	,633	,952
Forças5	100,69	433,900	,699	,952
Forças6	100,46	440,267	,598	,953
Forças7	100,48	441,394	,656	,952
Forças8	100,64	445,090	,493	,953
Forças9	100,44	444,741	,549	,953
Forças10	100,54	435,679	,678	,952
Forças11	100,35	441,117	,669	,952
Forças12	100,39	442,398	,595	,953
Forças13	100,62	443,046	,617	,952
Forças14	100,41	441,895	,652	,952
Forças15	100,64	442,709	,576	,953
Forças16	100,40	437,401	,686	,952
Forças17	100,66	443,591	,477	,954
Forças18	100,35	439,850	,638	,952
Forças19	100,61	441,002	,636	,952
Forças20	100,64	443,169	,543	,953
Forças21	100,64	440,741	,615	,952
Forças22	100,25	442,523	,579	,953
Forças23	100,56	437,677	,688	,952
Forças24	100,42	431,626	,763	,951
Forças25	100,28	438,487	,663	,952
Forças26	100,61	439,985	,654	,952
Forças27	100,83	440,573	,587	,953
Forças28	100,72	436,566	,684	,952
Forças29	100,57	430,723	,704	,952

---

<i>Média</i>	<i>DP</i>
104,10	21,700

---

## ANEXO XII

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Correc ted Item-Total Correlation	Cronba ch's Alpha if Item Deleted
Forças10	28,78	42,129	,603	,878
Forças11	28,61	42,906	,667	,872
Forças15	28,93	42,883	,607	,877
Forças16	28,65	41,786	,689	,870
Forças21	28,93	43,506	,542	,882
Forças24	28,68	40,517	,713	,868
Forças25	28,52	42,429	,644	,874
Forças26	28,91	42,911	,615	,876
Forças28	29,00	41,600	,671	,872

#### Dados da escala

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>
32,38	7,265

#### ANEXO XIII

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Correc ted Item-Total Correlation	Cronba ch's Alpha if Item Deleted
Forças18	10,86	7,214	,473	,725
Forças20	11,20	6,922	,497	,713
Forças22	10,79	6,649	,588	,662
Forças23	11,10	6,559	,609	,650

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>
14,65	3,348

#### ANEXO IX

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Correc ted Item-Total Correlation	Cronba ch's Alpha if Item Deleted
Forças1	14,60	11,190	,629	,771
Forças2	14,67	11,272	,717	,743
Forças3	14,54	11,827	,666	,760
Forças6	14,62	12,689	,493	,811
Forças14	14,57	13,152	,528	,799

<i>Média</i>	<i>DP</i>
18,25	4,238

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

## ANEXO X

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Correc ted Item-Total Correlation	Cronba ch's Alpha if Item Deleted
Forças5	14,46	10,721	,666	,718
Forças9	14,18	12,587	,481	,778
Forças12	14,12	12,369	,508	,770
Forças13	14,39	12,195	,580	,750
Forças29	14,34	10,504	,623	,734

<i>Média</i>	<i>DP</i>
17,87	4,164

## ANEXO XI

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Correc ted Item-Total Correlation	Cronba ch's Alpha if Item Deleted
Forças4	7,05	3,705	,465	,642
Forças7	7,22	3,244	,564	,516
Forças8	7,39	2,982	,490	,622

**Dados da escala**

<i>Média</i>	<i>DP</i>
10,83	6,442

## ANEXO XII

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Correc ted Item-Total Correlation	Cronba ch's Alpha if Item Deleted
Forças17	6,84	3,569	,492	,594
Forças19	6,74	4,469	,464	,626
Forças27	6,96	3,818	,534	,532

**Dados da escala**

<i>Média</i>	<i>DP</i>
10,27	2,768

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

## ANEXO XIII

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Correc ted Item-Total Correlation	Cronba ch's Alpha if Item Deleted
Score1	34,96	63,071	,492	,806
Score2	34,00	61,161	,476	,805
Score3	34,55	61,088	,445	,807
Score4	34,27	61,506	,465	,805
Score5	33,65	64,907	,260	,818
Score6	34,40	62,532	,342	,814
Score7	34,28	59,445	,468	,805
Score8	34,19	64,011	,294	,816
Score9	34,18	58,678	,571	,797
Score10	34,44	59,265	,559	,798
Score11	34,34	60,935	,464	,805
Score12	34,46	61,202	,454	,806
Score13	33,96	61,619	,384	,811
Score14	34,08	60,977	,401	,810
Score15	34,54	62,137	,431	,808

**Dados da escala**

<i>Média</i>	<i>DP</i>
36,74	8,348

## ANEXO XIV

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Depen dentVa riable	(I) Etapa Ciclo Vital	(J) Etapa Ciclo Vital	MeanDiff erence (I- J)	Std. Error	Sig.	95% Confiden ce Interval	
SCOR Etotal	Formação casal	Família filhos pequenos	1,503	2,294	1,000	-5,05	8,06
		Família filhos escola	6,366	2,412	,094	-,53	13,26
		Família filhos adolescentes	-2,032	2,464	1,000	-9,07	5,01
		Família filhos adultos	,313	2,484	1,000	-6,79	7,41
	Família filhos pequenos	Família filhos pequenos	-1,503	2,294	1,000	-8,06	5,05
		Família filhos escola	4,863	1,917	,124	-,61	10,34
		Família filhos adolescentes	-3,536	1,982	,768	-9,20	2,13
		Família filhos adultos	-1,191	2,007	1,000	-6,92	4,54
	Família filhos escola	Família filhos escola	-6,366	2,412	,094	-	13,26
		Família filhos pequenos	-4,863	1,917	,124	-	10,34
		Família filhos adolescentes	-8,399(*)	2,118	,001	-	14,45
		Família filhos adultos	-6,054	2,141	,055	-	12,17
	Família filhos adolescentes	Família filhos adolescentes	2,032	2,464	1,000	-5,01	9,07
		Família filhos pequenos	3,536	1,982	,768	-2,13	9,20
		Família filhos escola	8,399(*)	2,118	,001	2,35	14,45
		Família filhos adultos	2,345	2,199	1,000	-3,94	8,63
	Família filhos adultos	Família filhos adultos	-,313	2,484	1,000	-7,41	6,79
		Família filhos pequenos	1,191	2,007	1,000	-4,54	6,92
		Família filhos escola	6,054	2,141	,055	-,06	12,17
		Família filhos adolescentes	-2,345	2,199	1,000	-8,63	3,94

## ANEXO XV

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

		Levene's Test for Equality of Variances	
		F	Sig
Fator 1 crença e Comunicação	Equal variances assumed	,157	,693
Fator 2 capacidade de comunicação	Equal variances assumed	,099	,754
Fator 3 clima familiar e coesão	Equal variances assumed	,371	,544
Fator 4 organização de vida familiar	Equal variances assumed	,000	,986
Fator 5 individualidade	Equal variances assumed	,062	,804
Fator 6 apoio social	Equal variances assumed	,025	,873
QFFTotal	Equal variances assumed	,000	,986
SCORE 15	Equal variances assumed	,226	,635

## ANEXO. XVI

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012



### Cálculo NSE

#### **Instruções:**

- 1- Atribuir manualmente as cotações abaixo indicadas para cada um dos protocolos recolhidos.
- 2- Fazer o somatório dos 5 campos considerados (área residência, tipo habitação, características habitação, eletrodomésticos e conforto, e fonte de rendimentos)
- 3- A partir da pontuação total obtida ver aproximadamente em qual dos 3 níveis de NSE se situa o sujeito.

<b>Área de residência</b>	<b>Cotação</b>
Centro de cidade	<b>3</b>
Arredores da cidade/Bairro	<b>2</b>
Aldeia/Quimbo	<b>0</b>
Comuna/Sede	<b>1</b>

<b>Tipo de habitação</b>	<b>Cotação</b>
Apartamento	<b>2</b>
Vivenda	<b>3</b>
Pau-a-Pique/cubata	<b>0</b>
Casa de adobe	<b>1</b>

#### **Características da habitação**

<b>Divisões</b>	<b>Cotação</b>
Casa de banho	<b>Sim = 1</b> <b>Não = 0</b>
Cozinha	<b>Sim = 1</b> <b>Não = 0</b>

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

### Eletrrodomésticos e Conforto

NOTA: A pontuação obtida neste campo deverá ser dividida por 4

(Pontuação máxima neste campo:  $8/4 = 2$ )

	Cotação
Água canalizada	Sim = 1 Não = 0
Gás	Sim = 1 Não = 0
Esgotos	Sim = 1 Não = 0
Frigorífico	Sim = 1 Não = 0
Televisão	Sim = 1 Não = 0
Computador	Sim = 1 Não = 0
Acesso a Internet	Sim = 1 Não = 0
Automóvel	Sim = 1 Não = 0

### Principal Fonte de Rendimento da Família

NOTA: A pontuação obtida neste campo deverá ser multiplicada por 2

(Pontuação máxima neste campo:  $5 \times 2 = 10$ )

#### Cotação

Riqueza herdada ou adquirida -----	5
Lucros de empresas, investimentos, ordenados bem remunerados ---	4
Vencimento mensal fixo-----	3
Remuneração por semana, dia, ou por tarefa -----	2
Apoio social público (do estado) ou privado (de instituições solidariades) -----	1

Pontuação mínima = 2

Avaliação das forças familiares numa amostra de famílias do Sul de Angola

Raul Manuel da Cruz Dias (rauldias02@yahoo.com.br) 2012

Pontuação máxima = 20

**NSE:**

<p><b>Baixo = Pontuação total entre 2 e 10</b> <b>Médio = Pontuação total entre 11 e 15</b> <b>Elevado = Pontuação total entre 16 e 20</b></p>
--